

AUMENTO DA PARTICIPAÇÃO FEMININA: UMA TENTATIVA DE EXPLICAÇÃO

Leticia B. Costa (*)

Resumo

Constata-se um aumento constante das taxas de participação feminina no Estado de São Paulo, nas duas últimas décadas, como, aliás, registrado no resto do país e do mundo. Este aumento não pode mais ser entendido em termos de fatores conjunturais, conforme até agora tem sido feito. Buscam-se explicações de mais longo prazo para o fenômeno. Uma das explicações possíveis reside nas transformações da estrutura produtiva que vêm ocorrendo no Estado a passo acelerado.

Palavras-chave

Participação feminina, estrutura produtiva, São Paulo

Abstract

Female age specific participation rates have been rising steadily in the State of São Paulo. A similar tendency has been observed for the country as a whole and for other countries as well. Short-term explanations do not seem to be able to account for the persistence of the phenomenon in the long run, through successive periods of boom and depression. Some explanation of a different sort seems to be called for. This paper focusses on the changes the productive structure has been undergoing as a possible explanation for the rise of female activity rates.

Key words

Female participation, productive structure, São Paulo

A autora é Chefe do Departamento de Análise Demográfica da Fundação SEADE.

(*) Este trabalho é um produto paralelo de um projeto maior sobre os aspectos demográficos da PEA paulista, que conta com o auxílio financeiro da FAPESP e do CNPq.

Colocação do Problema

O objetivo deste trabalho é buscar alguma linha de explicação para o aumento da participação feminina na atividade produtiva verificado nas últimas décadas, tanto no Brasil, como no Estado de São Paulo.

No início da década de 80, em face da grave recessão que se instalou no país, pensou-se que esse aumento se devesse a fatores conjunturais (MONTALI, 1986). Segundo esta vertente, as mulheres seriam levadas a trabalhar diante de situações de desemprego e/ou rebaixamento dos salários reais de seus parceiros masculinos na luta pela vida. Aliás, desde muito antes o DIEESE já vinha acusando a perda do poder aquisitivo dos salários como responsável pela maior inserção de mulheres e jovens na força de trabalho.

É possível que ajustamentos deste tipo ocorram, em nível das famílias, no curto prazo. Porém, essa possibilidade não parece dar conta dos movimentos de mais longo prazo dos níveis de participação feminina, nem no Brasil, nem no mundo. (Veja-se, por exemplo, as taxas de atividade femininas computadas para o Brasil com base nos censos demográficos - Tabela 1).

TABELA 1
TAXAS DE PARTICIPAÇÃO FEMININA POR IDADE
BRASIL, 1950 - 1980

| Idade | 1950 | 1960 | 1970 | 1980 |
|-------|------|------|------|------|
| 10-19 | 15,7 | 15,0 | 14,6 | 19,9 |
| 20-29 | 16,6 | 20,8 | 26,0 | 37,7 |
| 30-39 | 11,5 | 17,0 | 20,9 | 34,2 |
| 40-49 | 10,7 | 16,7 | 19,9 | 30,1 |
| 50-59 | 9,5 | 14,6 | 15,5 | 21,4 |
| 60-69 | 7,8 | 11,5 | 10,1 | 10,6 |
| 70+ | 4,6 | 6,3 | 4,7 | 2,8 |
| Total | 13,6 | 16,6 | 18,4 | 26,9 |

Fonte: IBGE, Censo Demográfico.

Existem grandes problemas de comparabilidade nesta série histórica. Além das habituais diferenças de critérios e métodos, que são inescapáveis entre censos com 10 anos de intervalo, em 1980 foi inteiramente mudado o quesito que investiga a condição de atividade das pessoas. Essa mudança afetou enormemente o dimensionamento da PEA feminina, uma vez que, nos recenseamentos anteriores, eram privilegiados os afazeres domésticos em detrimento das atividades de mercado que as mulheres pudessem ter concomitantemente.

Mesmo não considerando os dados de 1980, notam-se aumentos significativos na participação feminina nas idades centrais do ciclo vital, isto é, dos 20-29 aos 50-59 anos. As taxas totais acusam aumentos menores, em virtude do peso negativo da faixa de 10-19 anos, que é numerosa e teve sua participação rebaixada. Quanto ao censo de 1980, só com a publicação dos resultados de 1991 teremos alguma indicação de quanto se deveu à mudança na forma de captação da informação e quanto representou um aumento real da atividade feminina.

TABELA 2
TAXAS DE PARTICIPAÇÃO FEMININA POR IDADE
ESTADO DE SÃO PAULO, 1940-1980

| Idade | 1940 ^(*) | 1950 | 1960 | 1970 | 1980 |
|-------|---------------------|------|------|------|------|
| 10-14 | 35,7 | 20,1 | 16,2 | 8,8 | 10,5 |
| 15-19 | 71,7 | 46,1 | 46,8 | 39,4 | 47,3 |
| 20-24 | 34,5 | 34,6 | 30,4 | 39,3 | 49,6 |
| 25-29 | 27,1 | 24,6 | 28,2 | 28,1 | 41,7 |
| 30-34 | 20,0 | 22,9 | 22,6 | 24,7 | 38,9 |
| 35-39 | 15,0 | 19,2 | 19,5 | 23,2 | 37,3 |
| 40-44 | 15,9 | 19,0 | 19,5 | 22,0 | 34,4 |
| 45-49 | 14,9 | 17,4 | 17,6 | 18,9 | 28,8 |
| 50-54 | 13,8 | 15,5 | 14,4 | 15,0 | 23,0 |
| 55-59 | 11,8 | 13,4 | 11,5 | 11,1 | 16,9 |
| 60-64 | 11,5 | 11,6 | 9,3 | 7,5 | 10,3 |
| 65-69 | 9,5 | 9,4 | 6,7 | 5,3 | 5,7 |
| 70+ | 6,9 | 7,4 | 3,6 | 2,5 | 2,2 |
| Total | 31,6 | 25,5 | 24,0 | 23,3 | 32,6 |

Nota:(*) Para 1940 foram usados os dados republicados por ocasião do censo de 1950.

Fonte: IBGE, Censo Demográfico.

Para o Estado de São Paulo os aumentos são menos pronunciados (Tabela 2). Considerando só até 1970, observa-se que as taxas totais caíram, principalmente em virtude da queda da participação dos 10-19, mas também um pouco por causa da queda depois dos 60 anos. Entre essas idades limites, as taxas aumentaram pelo menos quatro ou cinco pontos percentuais em todos os grupos etários, com exceção do grupo dos 25-29 anos, que apresentou um aumento de apenas um ponto percentual.

TABELA 3
TAXAS DE PARTICIPAÇÃO FEMININA POR IDADE
ESTADO DE SÃO PAULO, 1971-1990

| Idade | 1971 ^(*) | 1972 | 1973 | 1976 | 1977 | 1978 | 1979 | 1981 |
|-------|---------------------|------|------|------|------|------|------|------|
| 10-14 | 13,0 | 11,2 | 12,3 | 9,5 | 11,6 | 12,4 | 13,2 | 11,1 |
| 15-19 | 52,0 | 47,8 | 51,2 | 47,8 | 50,0 | 49,7 | 50,0 | 50,1 |
| 20-24 | 45,0 | 46,7 | 50,4 | 48,1 | 49,8 | 49,8 | 52,1 | 53,5 |
| 25-29 | 38,6 | 35,1 | 36,0 | 38,2 | 40,9 | 43,0 | 43,8 | 45,9 |
| 30-39 | 32,5 | 30,6 | 34,9 | 35,0 | 38,5 | 38,9 | 40,7 | 43,3 |
| 40-49 | 28,3 | 27,0 | 27,7 | 28,1 | 31,2 | 34,5 | 35,3 | 36,5 |
| 50-59 | 20,6 | 19,2 | 18,2 | 17,2 | 19,2 | 22,3 | 22,6 | 24,8 |
| 60+ | 7,3 | 7,0 | 6,7 | 5,6 | 7,1 | 7,7 | 6,3 | 8,5 |
| Total | 30,9 | 29,2 | 31,2 | 30,4 | 32,9 | 34,1 | 35,0 | 35,9 |

| Idade | 1983 | 1984 | 1985 | 1986 | 1987 | 1988 | 1989 | 1990 |
|-------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| 10-14 | 10,8 | 11,7 | 11,0 | 12,5 | 10,5 | 8,1 | 9,8 | 7,6 |
| 15-19 | 50,4 | 51,1 | 52,3 | 53,9 | 52,1 | 49,3 | 48,9 | 50,5 |
| 20-24 | 55,8 | 58,4 | 57,7 | 60,8 | 60,6 | 61,1 | 59,8 | 61,5 |
| 25-29 | 47,5 | 49,4 | 51,5 | 52,2 | 52,7 | 53,0 | 56,4 | 56,1 |
| 30-39 | 46,1 | 48,9 | 49,9 | 52,7 | 52,3 | 51,5 | 52,4 | 54,1 |
| 40-49 | 41,0 | 42,4 | 41,8 | 44,1 | 42,1 | 45,0 | 43,7 | 45,3 |
| 50-59 | 25,0 | 26,7 | 26,1 | 26,8 | 28,6 | 28,3 | 29,7 | 29,7 |
| 60+ | 7,6 | 7,4 | 5,8 | 8,4 | 8,6 | 7,1 | 8,7 | 9,3 |
| Total | 37,4 | 38,9 | 38,9 | 40,8 | 40,4 | 39,5 | 39,8 | 40,6 |

Nota: (*) Os dados de 1971 foram subdivididos e reagrupados pela fórmula de Newton.

Fonte: IBGE, PNAD, 1971-1990.

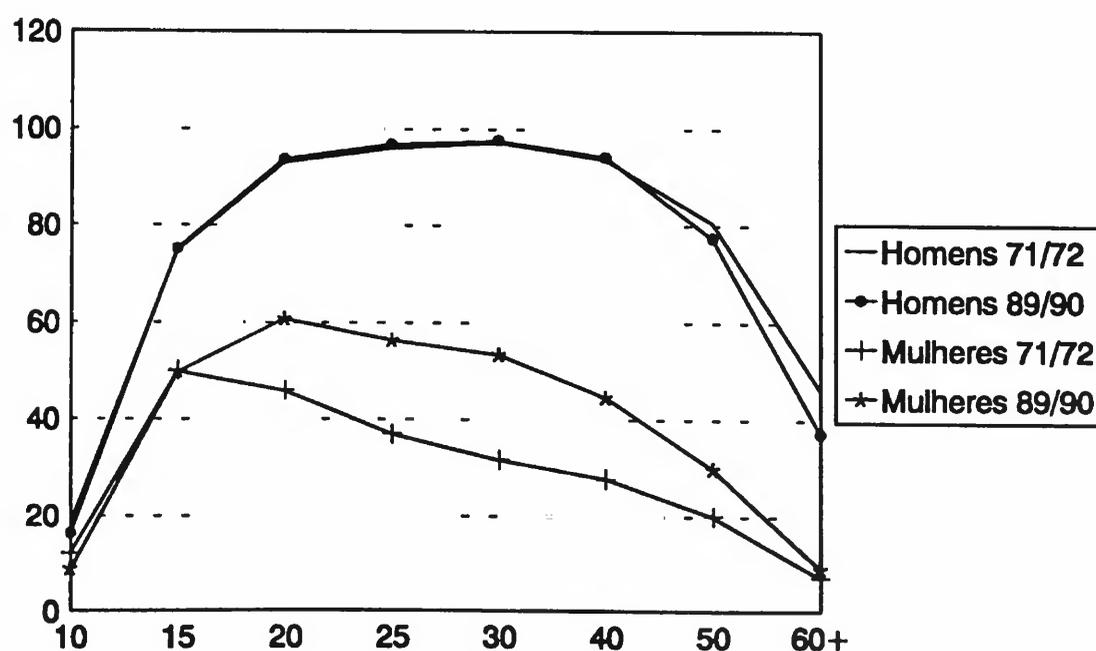
Para contornar o problema da descontinuidade da série histórica entre 1970 e 1980, são apresentados na Tabela 3 os dados das décadas de 70 e 80, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), igualmente do IBGE. Também nesta pesquisa existem grandes problemas de

comparabilidade em série histórica dos dados absolutos da força de trabalho. Há, porém, evidências de que as taxas de participação estão menos sujeitas a erro do que os dados de volume da PEA. As taxas da PNAD são, de um modo geral, mais elevadas que as do censo demográfico.

Na medida da validade dessas taxas, a participação feminina vem crescendo ao longo das duas últimas décadas, a partir da faixa etária dos 20-24 anos. A estabilidade ou queda da atividade abaixo dos 20 anos é um movimento histórico, observado também em outros países, e se prende a mudanças na estrutura produtiva, aumento da escolarização da população jovem e outros fatores.

Para melhor visualizar estas tendências, apresentam-se, na Figura 1, as taxas médias de participação por idade para os anos iniciais e finais da série. Diferentemente da participação masculina, que é quase estável no período, a curva de atividade feminina mostra uma significativa elevação, especialmente nas idades centrais do ciclo vital, mesmo na fase de casamento e de procriação.

FIGURA 1
ESTRUTURA ETÁRIA DA PARTICIPAÇÃO
MASCULINA E FEMININA
Estado de São Paulo, 1971/72 e 1989/90



Como se poderia explicar esse aumento histórico da atividade econômica da mulher, que se tem verificado não só em São Paulo e no Brasil, como também em outros países do mundo?

Um Esquema Explicativo

É claro que uma coisa tão complexa, como a mudança do estilo de vida de largas parcelas da população, não tem uma explicação simples e única. Diversos fatores estão provavelmente reagindo entre si para produzir o efeito estatístico da presença maior da mulher no mercado de trabalho. Entre eles é bom lembrar a industrialização crescente de bens e serviços antes produzidos no recinto do lar, desde produtos alimentícios ao cuidado das crianças, doentes e velhos, a pronunciada queda da fecundidade, que encurtou o período de gestação e guarda de crianças pequenas, a urbanização, que pôs a mulher em contato com outras idéias e outras oportunidades, e também a mudança ocorrida nessas mesmas idéias, isto é, a redefinição social dos papéis da mulher, que vem ocorrendo em todas as classes sociais. Além destes e de outros fatores que atuam primordialmente sobre a oferta de mão-de-obra, há ainda, do lado da demanda, a questão do dinamismo da atividade econômica, que pode fazer crescer ou reduzir as necessidades de mão-de-obra na economia, e também alterações na estrutura produtiva.

Neste trabalho é privilegiada a questão da estrutura de produção, como mais ou menos propiciadora da absorção de mão-de-obra feminina. Como exemplo pode citar-se o caso da indústria têxtil, no Estado de São Paulo, a qual, por abrir postos de trabalho naquela época "femininos", foi responsável pelo aumento da participação da mulher na década de 40. A tomada da dianteira por outras indústrias e a substituição subsequente dos processos de trabalho, na própria indústria têxtil, levariam depois a uma reversão deste quadro.

Com base em tabulações especiais do censo de 1980, foram computadas taxas de participação feminina por idade para as 12 regiões administrativas (RAs) em que se subdivide o Estado de São Paulo. Foram constatados, então, grandes diferenciais de uma região para a outra. Essas taxas são apresentadas na Tabela 4 e as respectivas representações gráficas na Figura 2. Na Tabela 4 as regiões estão listadas em ordem crescente do nível de participação, para facilitar a leitura. O mapa de São Paulo, com a localização das RAs, aparece a seguir, como Figura 3.

TABELA 4
PARTICIPAÇÃO FEMININA SEGUNDO AS
NOVAS REGIÕES ADMINISTRATIVAS
Estado de São Paulo, 1980

| Idade | Estado de São Paulo | | | | | | | | | | | Estado São Paulo | |
|-------|---------------------|---------------------|----------------------|-----------|---------------------|----------|---------|--------|----------------|-------|----------|---------------------|------------------|
| | Registro | Presidente Prudente | S. José do Rio Preto | Aracatuba | São José dos Campos | Sorocaba | Marília | Santos | Ribeirão Preto | Bauru | Campinas | | Grande São Paulo |
| 10-14 | 6.2 | 13.9 | 16.9 | 15.7 | 7.9 | 13.5 | 16.2 | 5.1 | 18.0 | 18.5 | 14.8 | 6.6 | 10.6 |
| 15-19 | 22.9 | 40.7 | 41.7 | 42.2 | 36.8 | 44.0 | 45.1 | 35.8 | 50.3 | 50.5 | 53.3 | 49.2 | 47.3 |
| 20-24 | 23.9 | 37.5 | 37.0 | 38.1 | 40.5 | 40.0 | 41.6 | 44.9 | 45.2 | 45.1 | 48.0 | 55.4 | 49.7 |
| 25-29 | 20.7 | 30.9 | 32.6 | 33.3 | 33.8 | 33.2 | 34.7 | 38.8 | 38.5 | 39.9 | 39.5 | 46.0 | 41.7 |
| 30-34 | 22.7 | 31.0 | 32.6 | 31.3 | 32.3 | 32.8 | 34.8 | 36.3 | 37.7 | 37.9 | 36.7 | 42.3 | 38.9 |
| 35-39 | 21.9 | 29.4 | 29.9 | 30.0 | 31.1 | 3.1 | 34.2 | 36.0 | 35.7 | 35.8 | 35.3 | 40.8 | 37.3 |
| 40-44 | 19.7 | 25.5 | 25.5 | 26.7 | 30.5 | 28.6 | 29.2 | 34.1 | 32.3 | 31.7 | 31.4 | 38.5 | 34.4 |
| 44-49 | 16.4 | 21.9 | 22.1 | 21.9 | 25.7 | 24.7 | 24.7 | 29.8 | 27.4 | 28.5 | 25.5 | 32.2 | 28.9 |
| 55-54 | 14.5 | 15.6 | 17.4 | 17.4 | 20.8 | 18.9 | 19.3 | 24.3 | 21.0 | 22.2 | 20.8 | 25.8 | 23.0 |
| 55-59 | 14.1 | 12.7 | 12.2 | 13.9 | 15.0 | 13.5 | 14.2 | 18.8 | 16.3 | 15.8 | 14.9 | 18.9 | 16.9 |
| 60-64 | 8.0 | 7.2 | 8.2 | 9.1 | 8.2 | 7.9 | 9.0 | 10.5 | 9.2 | 10.6 | 8.7 | 11.8 | 10.3 |
| 65-69 | 5.5 | 4.7 | 4.1 | 4.3 | 4.6 | 4.6 | 4.9 | 5.3 | 5.3 | 5.0 | 5.1 | 6.6 | 5.7 |
| 70-74 | 3.3 | 1.7 | 1.9 | 1.1 | 3.4 | 2.7 | 2.5 | 3.8 | 2.5 | 3.0 | 2.9 | 3.2 | 2.9 |
| 75-79 | 2.0 | 1.0 | 1.1 | 2.0 | 1.9 | 2.3 | 1.4 | 1.5 | 1.8 | 1.2 | 1.8 | 2.0 | 1.8 |
| 80+ | 0.0 | 0.6 | 0.7 | 0.8 | 1.0 | 0.9 | 0.6 | 1.1 | 1.0 | 1.2 | 1.0 | 1.1 | 1.0 |
| Total | 17.0 | 25.8 | 26.6 | 27.0 | 26.8 | 27.6 | 28.8 | 28.8 | 31.8 | 31.8 | 32.2 | 35.8 | 32.6 |

Fonte: FIBGE: Censo Demográfico de 1980, amostra de 25%.

FIGURA 2
 TAXAS DE PARTICIPAÇÃO FEMININA POR REGIÃO ADMINISTRATIVA
 ESTADO DE SÃO PAULO - 1980

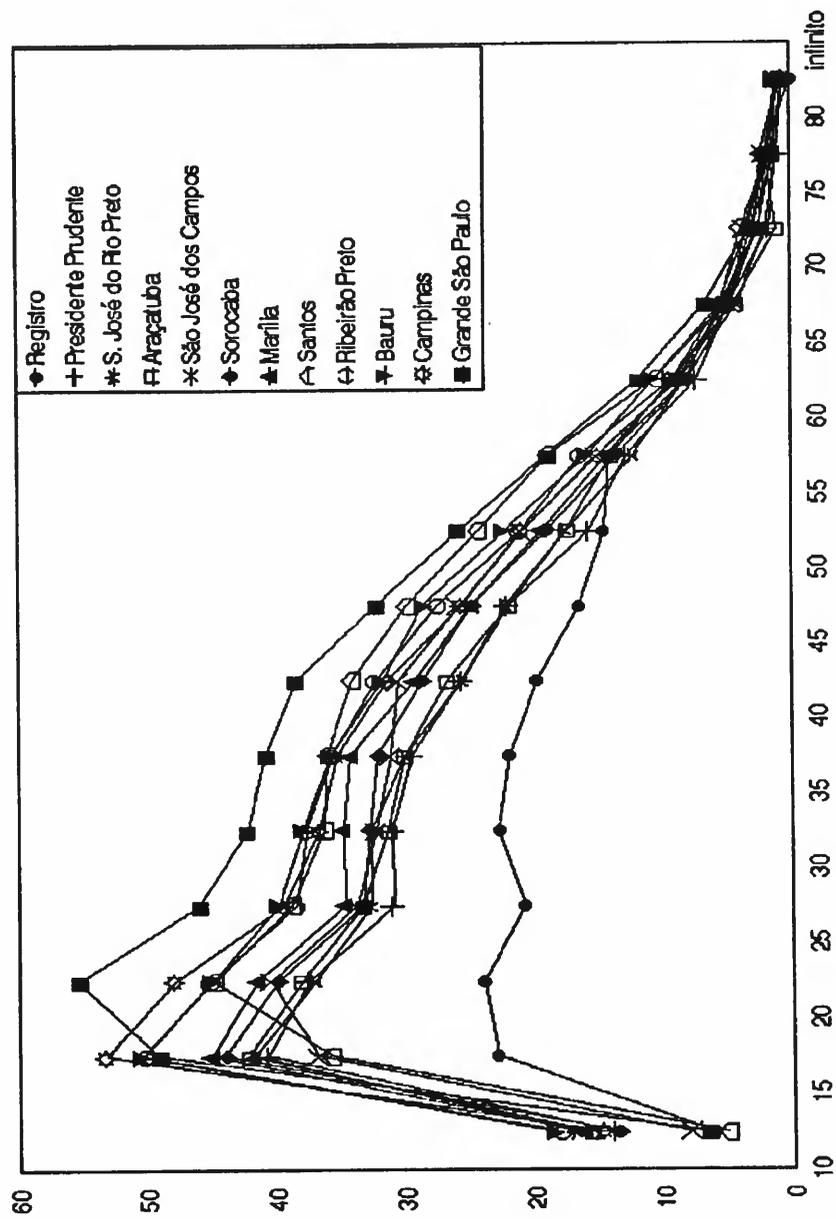
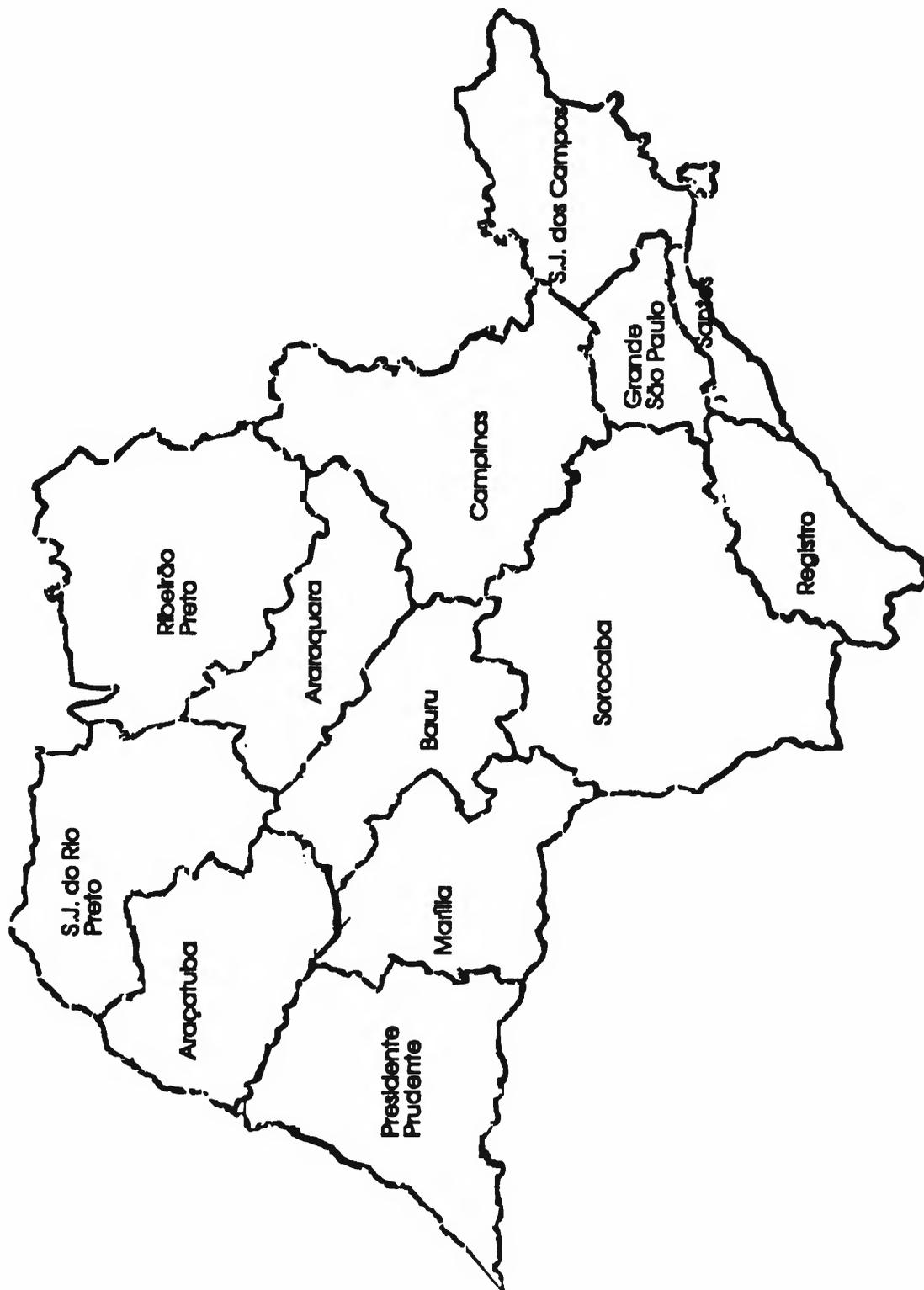


FIGURA 3
O ESTADO DE SÃO PAULO E SUAS REGIÕES ADMINISTRATIVAS



Vai-se tentar, a seguir, relacionar essas diferenças em participação com a estrutura produtiva existente em cada região, no mesmo ano de 1980. A hipótese é que essa estrutura tenha pelo menos uma parte na explicação dos diferenciais observados. Se confirmada a hipótese, poder-se-á concluir que as mudanças históricas na estrutura de produção e respectivos processos de trabalho no Estado, largamente documentadas na literatura, oferecem uma das vertentes explicativas para o aumento observado da participação feminina na atividade econômica.

Tomou-se como indicativa da estrutura de produção a distribuição setorial da PEA total (os dois sexos juntos), acrescida de informações complementares sobre a atividade econômica em cada região. Veja-se, na Tabela 5, a distribuição setorial da PEA por região.

TABELA 5
DISTRIBUIÇÃO DA PEA TOTAL POR SETOR DE
ATIVIDADE SEGUNDO AS NOVAS REGIÕES
ADMINISTRATIVAS
Estado de São Paulo, 1980

| Reg. Administ. | Primário | Secundário | Terciário | Total |
|------------------|----------|------------|-----------|-------|
| Registro | 42,4 | 20,4 | 37,2 | 100,0 |
| Pres. Prudente | 38,4 | 17,8 | 43,8 | 100,0 |
| S. José R. Preto | 37,8 | 19,2 | 43,0 | 100,0 |
| Araçatuba | 31,7 | 24,8 | 43,5 | 100,0 |
| S. José Campos | 10,0 | 40,9 | 49,1 | 100,0 |
| Sorocaba | 29,0 | 31,7 | 39,3 | 100,0 |
| Marília | 37,3 | 19,7 | 43,0 | 100,0 |
| Santos | 1,5 | 31,3 | 67,2 | 100,0 |
| Ribeirão Preto | 26,3 | 30,0 | 43,7 | 100,0 |
| Bauru | 28,6 | 26,1 | 45,3 | 100,0 |
| Campinas | 15,3 | 41,9 | 42,8 | 100,0 |
| Grande São Paulo | 0,8 | 45,7 | 53,5 | 100,0 |
| Estado | 11,5 | 39,1 | 49,4 | 100,0 |

Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 1980, amostra de 25%.

Observações Impressionistas

Primeiro, algumas observações gerais. É curioso notar que, das quatro regiões com mais de 35% da PEA envolvida em atividades primárias, três têm a mais baixa participação feminina (Registro, Presidente Prudente e São José do Rio Preto) e a quarta, Araçatuba, ocupa uma posição apenas mediana. Por outro lado, duas das três regiões com mais de 40% da PEA absorvida pelo secundário apresentam as mais altas participações (Grande São Paulo e Campinas). Este achado contraria o modo tradicional de entender as coisas, que vinha de Boserup, passando, entre outros, por Singer e Madeira, de que uma economia mais agrária favorecia a conciliação, por parte da mulher, do trabalho doméstico com atividades para o mercado, e que a industrialização alijava o elemento feminino do mercado de trabalho. É preciso, portanto, um novo entendimento do papel da agricultura e da indústria na absorção da mão-de-obra feminina. Este entendimento passará, sem dúvida, pelo estudo dos processos de trabalho de uma e de outra, que vêm sofrendo alterações cada vez mais rápidas e profundas em função do progresso tecnológico. Em particular, no caso da agricultura paulista, Muller demonstrou o *"avanço da modernização de todos os produtos, sejam eles matérias-primas ou alimentos in natura, sejam para a exportação ou mercado interno"*, com exceção do gado para corte, dos suínos e de alguns produtos em transição (MULLER, 1985). Mostrou também como, nas atividades agrícolas no Estado, os gastos com mão-de-obra caíram sensivelmente em relação às despesas com outros insumos, o que mostra um processo de produção cada vez menos trabalho-intensivo. Por outro lado, à medida que as pequenas firmas industriais cederam o passo a grandes conglomerados, ampliou-se a necessidade de pessoal gerencial e administrativo, que engloba postos de trabalho tipicamente "femininos", especialmente nos escalões mais baixos da gerência e administração.

Passemos agora à análise das curvas individuais, região por região (Figura 3 e Tabela 5).

A mais baixa participação encontra-se em Registro, região litorânea do sul do Estado. Esta é uma área cronicamente deprimida, e isto ajuda a explicar a baixa absorção de mulheres. Além disso, sua PEA se concentra

nas atividades agrícolas do cultivo do chá e da banana, culturas permanentes, pouco absorvedoras de mão-de-obra.

Vêm a seguir, de baixo para cima no gráfico, as regiões de Presidente Prudente, São José do Rio Preto e Araçatuba, cujas curvas têm a mesma estrutura e se cruzam e descruzam. As três têm a mesma estrutura setorial, com níveis idênticos de absorção no primário, secundário e terciário. Araçatuba tem um pouco mais de indústria e um pouco menos de primário, sua indústria é tradicional, no ramo de alimentos, e talvez resida nesses fatos o motivo de ter ela um pouco mais de sua população feminina na força de trabalho. As três regiões são fortes em pecuária de corte, sabidamente poupadora de mão-de-obra.

A região seguinte é São José dos Campos, que apresenta uma estrutura de participação diferente, com o pico na faixa dos 20-24 anos, e não dos 15-19, e taxas sempre mais altas que as regiões precedentes, a partir da idade pico. Esta região é conhecida por seu forte setor secundário, com indústrias de ponta (química, aeronáutica), especializando-se também em serviços urbanos (49,1% da PEA). Esta estrutura de produção, com fraca absorção no primário (só 10% da PEA), um forte secundário (40,9%) e um desenvolvidíssimo setor terciário (49,1%) é que, provavelmente, favorece o trabalho da mulher, especialmente nas idades adultas. Uma vez que a sede e outras cidades da região são estações climáticas, é possível que seja grande a demanda por serviços domésticos e outros serviços pessoais.⁽¹⁾

A curva de Sorocaba está muito acima da de São José dos Campos na faixa de 15-19 anos (44,0% *versus* 36,8%, Tabela 4), algo acima nos 30-34 e 35-39 e sempre abaixo nas outras idades. Esta é resultante da agregação de duas áreas econômicas completamente diferentes: a região sede, essencialmente industrial, e as duas outras, bastante agrícolas. Veja, em seguida, como esta duplicidade de funções se reflete na distribuição da força de trabalho nas regiões de governo que compõem a região administrativa de Sorocaba.

É de se supor que a RA de Sorocaba, com um terciário forte em suas três regiões de governo e um secundário dinâmico na região sede, apresen-

(1) Em 1980, os serviços domésticos sozinhos ocupavam cerca de 20% da PEA feminina do Estado.

taria uma participação feminina mais elevada, não fosse o peso do setor agrícola em grande parte de seu território.

TABELA 6
DISTRIBUIÇÃO SETORIAL DA PEA POR
REGIÃO DE GOVERNO
RA DE SOROCABA, 1980

| Região de Governo | Primário | Secundário | Terciário |
|-------------------|----------|------------|-----------|
| Sorocaba | 13,9 | 44,6 | 41,5 |
| Itapetininga | 32,9 | 26,0 | 41,1 |
| Botucatu | 29,8 | 25,8 | 44,4 |

Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 1980, amostra de 25%.

Marília apresenta nível mais elevado em relação a Sorocaba, em quase todos os grupos etários, o que a leva a uma participação total de 28,8% contra 27,6% de Sorocaba. Isso, apesar de Marília ocupar o quarto lugar entre as RAs, em termos de proporção de PEA agrícola, e ter um reduzido setor industrial, também em termos relativos. O peso negativo desses fatores na participação feminina é provavelmente compensado pela existência, na região, de um forte setor terciário, que ocupa 43% da PEA total, e pelo tipo das culturas agrícolas praticadas, que estão entre as tradicionais (feijão e arroz) e as de transição (milho, mandioca, café), segundo a classificação de Muller. Estas culturas tenderiam a ser mais trabalho-intensivas, em comparação com os produtos "modernos", como algodão e cana-de-açúcar.

Santos é um caso à parte. Esta região apresenta o menor setor primário (1,5% da PEA) e o maior terciário (67,2%) de todas as regiões do Estado, além de um secundário expressivo (31,3%). Com suas infra-estruturas de turismo e lazer, oferece um grande número de postos de trabalho no serviço doméstico e seus congêneres. Se 67% da PEA conjunta está no terciário, a proporção de mulheres nesse setor estará beirando os 90-95%.⁽²⁾ Valeria a pena verificar a distribuição setorial dos sexos em separado e a frequência do serviço doméstico e similares na Baixada Santista. É possível

(2) Em nível de Estado, a relação entre mulheres e homens é de 2,1 para 1 na prestação de serviços e de 17 para 1 no emprego doméstico, no mesmo ano de 1980.

que reside aí a explicação das altas taxas de atividade feminina na região, especialmente nas idades maduras, idades em que estas taxas são superadas apenas pelas da Região Metropolitana.

Vêm a seguir duas regiões com idênticas estruturas de produção e que apresentam a mesma taxa total de participação feminina, 31,8%, e estruturas etárias dessa participação também muito semelhantes, a ponto de as duas curvas se confundirem. São elas Ribeirão Preto e Bauru (Tabela 5 e Figura 3).

Campinas, com uma taxa total mais elevada (32,2%), tem menos primário e mais indústria, ocupando mais mão-de-obra feminina jovem. Nas idades adultas suas taxas de atividade chegam a ser mais baixas que nas regiões precedentes, provavelmente em função do fato de que algumas indústrias aí implantadas demandam, de preferência, mão-de-obra masculina na linha de produção. São elas as indústrias de minerais não-metálicos, a indústria mecânica, a metalurgia e as modernas indústrias químicas e de alimentos.

Vem por último a Região Metropolitana, com o maior nível de participação feminina do Estado. Nela, praticamente não existem atividades agropecuárias, sendo sua PEA dividida entre atividades industriais (45,7%) e terciárias (53,5%). Esta estrutura produtiva, favorável à participação feminina, é reforçada pelo dinamismo econômico da região, de modo a tornar supérfluo qualquer outro comentário.

Um Pouco de Econometria

No intuito de testar a explicação adiantada nas páginas precedentes, ajustou-se aos dados um modelo de regressão linear simples. Além das participações do primário e do secundário na absorção da mão-de-obra regional, incluiu-se também como variável explicativa a idade, em virtude de sua alta correlação com a variável dependente.

Assim, o modelo usado na análise de regressão tomou a seguinte forma:

$$TP_{ij} = B_1 + B_2Id + B_3Pri_j + B_4Sec_j + e,$$

onde:

TP_{ij} = taxas de participação feminina específicas por idade e por região;

Id = idade média em cada grupo etário (17,5, ..., 77,5 e 82,5);

P_{ij} = percentual da força de trabalho regional em atividades primárias;

Sec_j = percentual da força de trabalho regional em atividades secundárias;

i = 2, ..., 15 (faixas de 15-19 anos, ..., 80+ anos);

j = 1, ..., 12 (as 12 regiões administrativas do Estado);

e = termo aleatório

Na Tabela 7 são apresentados os resultados obtidos.

TABELA 7
RESULTADOS DA ANÁLISE DE REGRESSÃO

| Variável | b | Desvio Padrão | b Padronizado | t | Nível de Signific. |
|------------|-----------|---------------|---------------|------------------------|--------------------|
| Idade | -0,731493 | 0,015374 | -0,952057 | -47,581 ^(*) | 0,0000 |
| Primário | -0,132146 | 0,046329 | -0,118245 | -2,852 ^(**) | 0,0049 |
| Secundário | 0,058099 | 0,069787 | 0,034512 | 0,833 | 0,4062 |
| Constante | 59,289151 | 3,210681 | | 18,466 | 0,0000 |

Notas: $R^2 = 92873$

(*) Significância estatística a 1%.

(**) Significância estatística a 5%.

Fonte: IBGE, Censo Demográfico, amostra de 25%.

Em primeiro lugar, os sinais dos coeficientes de todas as variáveis apresentam os sinais esperados. Assim, as variáveis Idade e Primário têm sinal negativo e a variável Secundário, sinal positivo.

Quanto ao valor, as variáveis Idade e Primário mostram bom desempenho, pois têm desvios padrões baixos e altos valores do t estimado. Como se vê pelo nível de significância, ambas as variáveis têm alto poder de explicação, o que confirma a hipótese.

A variável Secundário não se saiu bem, com um coeficiente médio de 0,06 e um desvio padrão de 0,07. É possível que, no modelo como especificado, a variável Primário esteja captando todo o efeito da estrutura produtiva sobre os níveis de participação feminina.

À Guisa de Conclusão

Aparentemente existem fortes coincidências entre altos níveis de participação feminina, de um lado, e estruturas de produção menos agrárias e mais urbanas, de outro. Procedeu-se a uma análise de regressão, com o objetivo de testar a hipótese de que essas coincidências não são aleatórias.

Os resultados obtidos parecem indicar que a estrutura produtiva, representada no modelo pelo percentual da força de trabalho envolvida em atividades primárias, é inversamente correlacionada com o nível da participação feminina. Este achado contraria o postulado tradicional de que a predominância da agricultura e não da indústria na economia favorece a absorção de mulheres. É possível que esta mudança no papel da agricultura, no tocante ao trabalho da mulher, esteja ligada à evolução da composição do produto e a alterações nos processos de produção e do trabalho no próprio interior dos dois setores.

Referências Bibliográficas

- BOGUS, L. M. M. (coord.). *Migração no interior do Estado de São Paulo*. São Paulo: SEADE, 1990 (Informe Demográfico, 23).
- COSTA, L. B. *Participação da mulher no mercado de trabalho*. São Paulo: IPE/USP-CNPq, 1984.
- FUNDAÇÃO SEADE. *A interiorização do desenvolvimento econômico no Estado de São Paulo (1920-1980)*. São Paulo: SEADE, 1988-89 (Coleção Economia Paulista, v.1, n. 1-3).
- _____. *Características gerais do processo de industrialização paulista*. São Paulo: SEADE, 1988.
- MADEIRA, F. R. & SINGER, P. I. *Estrutura do emprego e trabalho feminino no Brasil. 1920-1970*. São Paulo: CEBRAP, 1973 (Cadernos CEBRAP, 13).
- MONTALI, L. & PATARRA, N. L. *Emprego e condições de vida*. São Paulo: SEADE, 1986 (Série São Paulo 80, v.3).
- MPAS/SEADE. *Padrão demográfico brasileiro e a previdência social*, 1989 (Relatório Final, mimeo).

MULLER, G. *A dinâmica da agricultura paulista*. São Paulo: SEADE, 1985
(Série São Paulo 80, v.2).

SINGER, P. I. *Dinâmica populacional e desenvolvimento*. São Paulo, 1970.

(Recebido e aceito em dezembro de 1993.)